

MODA E HQ

Nádia Senna

Mestre em Multimeios / UNICAMP

Prof^a do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Letras e Artes da UFPEL

Universidade Federal de Pelotas

Resumo

Este texto é parte integrante da dissertação de mestrado DEUSAS DE PAPEL – a trajetória feminina na HQ do ocidente. O projeto Deusas de Papel discute a representação da imagem feminina no século XX, utilizando as personagens das Histórias em Quadrinhos como suporte desta análise. Primeiramente construiu-se um Quadro Visual de Referência, com as personagens mais significativas.

Na segunda etapa do trabalho o Universo Feminino é desvendado a partir da sexualidade, do discurso, do trabalho e a questão da moda, onde transparecem as diferenças entre os gêneros, permitindo identificar as equivalências e discrepâncias entre os modelos representados e o real desempenho das mulheres no seu cotidiano.

Palavras Chaves: personagens femininas, universo feminino, moda

Introdução

A indumentária é um elemento “chave” na caracterização da personagem: indicador do sexo, da idade, da classe social, da origem geográfica, histórica e de outras informações que um leitor perspicaz pode recolher.

As roupas, junto com a postura e a linguagem, refletem opiniões e reafirmam traços da personalidade da personagem.

Desenhar os trajés, definir estilos de cabelos, acessórios, jóias, maquiagem e demais decorações corporais exigem elaborado estudo por parte do quadrinista. Se a temática é realista e a história contemporânea de seu tempo, o quadrinho torna-se um espelho fiel de sua época, sendo fácil identificar os vários estilos ao longo deste século e até de períodos anteriores.

No entanto, é no reino da fantasia e da ficção científica que o *designer* se manifesta, projetando roupas carregadas e simbologias, antecipando avanços tecnológicos (fios sintéticos, vestes inteligentes e com mil e uma utilidades), como atestam os vários uniformes dos super-heróis e heroínas. Alex Raymond, foi provavelmente uma das maiores referências para a moda futurista de Pierre Cardin e Courregès nos anos 60.

Moda e HQ no século XX

Na virada do século, a moda ditava para as mulheres ricas, roupas extravagantes e detalhadas; elas eram cobertas da cabeça aos pés em sedas, cetins, tule ou *chiffon*, com bordados, laços e rendas. Vestir-se demandava tempo e dinheiro.

Para as mulheres que trabalhavam fora ou no lar, existiam alternativas mais baratas, com tecidos resistentes, sem maiores detalhes, com aventais para proteção. Nos quadrinhos da época ou naqueles que resgatam o período, podemos detectar as duas tendências.

O período conhecido como *Belle Époque* (aproximadamente, de 1890 até o princípio da 1ª GG) marcou a história pela ostentação e frivolidade da alta sociedade européia. A vida girava em torno das festas, bailes, chás, temporadas no campo ou em balneários; isto, é claro, demandava a confecção de um imenso guarda-roupa, com todas as vestes apropriadas para cada ocasião. Todo o *glamour* da época refletia-se principalmente na moda feminina. Mesmo os trajes mais simples próprios para práticas esportivas, como o ciclismo, golfe, montaria, e para dirigir automóveis, não abriam mão dos enfeites em renda, fitas de cetim, e de uma série de acessórios específicos, como chapéus, lenços, sombrinhas, luvas, sapatos ou botas.

Os vestidos de noite constituíam verdadeiras criações artísticas, com amplos decotes enfatizados pelo espartilho. Ficaram conhecidos como *Merveilleuse*, pois conferiam às mulheres maduras, altas e um “tantinho” robustas, uma aparência majestosa; já as muito jovens e esbeltas ficavam perdidas em meio a tantos ornamentos.

O período entre guerras marcou uma mudança no estilo de vestir-se. As melindrosas optaram por vestidos mais curtos, com linhas mais soltas, abolindo o espartilho, mudaram radicalmente os cabelos, aderindo ao visual *la garçonne*: curtos, lisos ou em cachos construídos com permanente.

Nora, a filha de **Pafúncio e Marocas**, vestiu com propriedade o novo estilo, mas foi **Betty Boop**, embora surgida alguns anos mais tarde, a melindrosa mais famosa das HQs: seus vestidos curtos com a liga aparecendo, causaram furor. E as jovens logo aderiram a “escandalosa” moda dos anos 20, apesar dos protestos dos pais e membros mais velhos.

Toda esta liberdade no vestir deveu-se a muitos fatores, principalmente a crise advinda com a guerra, o ingresso das mulheres nas frentes de trabalho e, portanto, a necessidade de roupas mais práticas. Alguns historiadores levantam a hipótese do surgimento de uma moda sexualmente instigante, com o intuito de impulsionar o aumento da taxa de natalidade, para compensar a perda da população jovem. James Laver, especialista inglês em história da moda, ressalta a contribuição das mulheres estilistas para a afirmação das novas tendências, como Madame Paquin, Madeleine Vionnet e, sem dúvida, Coco Chanel e, mais tarde Elsa Schiaparelli. “Essas duas mulheres não eram apenas estilistas, mas elementos importantes de todo o movimento artístico da época”.¹

1. LAVER, James. **A roupa e a moda**. São Paulo, Cia das Letras, 1996, p. 234.

Comprovadamente, foi um período dedicado à juventude, os heróis da literatura, do cinema e das HQs eram jovens audaciosos e aventureiros. A música descobria o jazz, dançava-se o cha-cha-cha, charleston e o tango. Tudo que era exótico exercia forte fascínio, o movimento *Art Decô* privilegiava a estética vinda da África, Ásia e América. A consequência natural foi incorporar todas estas novidades no modo de vestir.

Valentina de Guido Crepax vestiu o melhor do estilo chanel, desde o longo colar de pérolas até o famoso corte de cabelo e o chapéu *cloche*, em revisitações ao período.

Nos anos 30, os esportes começam a influenciar a moda. As roupas simples, que propiciavam maior liberdade de movimento, ganharam adeptos de ambos os sexos e passaram a ser usadas em outras ocasiões informais, chegando aos locais de trabalho. Tin **Tintin** e **Connie** vestiram com propriedade os uniformes de golfe, tênis, natação entre outros.

A queda da bolsa e a depressão econômica recolocaram a maturidade na moda novamente: a irresponsável melindrosa cede lugar a uma beleza mais forte, clássica, corporificada por Greta Garbo. As saias descem até os tornozelos, a cintura volta a ser marcada, os tecidos leves, transparentes e em cores claras foram substituídos por outros mais espessos, em padronagens severas e cores mais escuras; os casacos, blusas e vestidos ganharam ombreiras. De certa forma, a moda reafirmava a disposição feminina em colaborar e dividir com seus parceiros o pesado fardo daqueles tempos difíceis.

Esta época também caracterizou-se pela avalanche de heróis viris, capazes de resistir aos golpes e adversidades marcados pelas intempéries, e até um tanto rudes, como **Tarzan** e **Dick Tracy**. Já **Flash Gordon**, **Fantasma** e **Super-Homem** são igualmente másculos, mas neles a esportividade ou a timidez amenizaram um tanto a dureza. É claro que estes tipos atléticos se beneficiaram da moda da época, usando uniformes que enfatizavam a rija musculatura: simples calções de banho ou roupas informais do dia-a-dia. As calças mais largas, o paletó com ombros mais altos e quadrados, e os compridos *trench coat*, adotados por toda a população masculina urbana, não só cumpriam a função de protegê-los do frio e da chuva, como também disfarçavam o desânimo geral. Aos nossos heróis dos quadrinhos e do cinema, conferiam uma aparência misteriosa e indestrutível.

Sobre os uniformes vale ressaltar o caráter mágico e simbólico associados aos trajes, **Super-Homem**, **Capitão América** e **Mulher Maravilha** estão praticamente vestidos com a bandeira norte-americana; numa seqüência de Frank Miller para a minissérie **Batman, O Cavaleiro das Trevas**, as listras da bandeira vão se transformando no S vermelho estampado no peito, explicitando a relação direta com o poder.

A roupa do **Fantasma** traz a marca da Caveira no cinto e no anel que são passados através das gerações. O símbolo dos piratas assassinos de seus antepassados, associado a perigo e morte, foi incorporado com o intuito de manter sempre presente o ideal de justiça da família e causar temor a todos aqueles que não respeitam as leis impostas pelo “espírito que anda”.

O Bat-traje é dos mais engenhosos, uma vez que incorpora as novas tecnologias, para conferir maior poder de ataque e defesa ao mortal justiceiro. A associação com a imagem do morcego não tem nada de gratuita, é explicada por um acidente em uma caverna infestada, quando **Bruce** era ainda menino, e carrega toda a ambigüidade referente à personagem. Num sentido, é a imagem da perspicácia, um ser que vê mesmo no escuro, quando o mundo inteiro está mergulhado nas trevas; em outro, é a pessoa extravagante que faz tudo ao contrário do que se espera e vê as coisas de cabeça para baixo, como se estivesse pendurado pelos pés. Nas tradições alquimistas, o morcego representa o andrógino, o dragão alado, os demônios. Segundo Gaston Bachelard, algo de sombrio e pesado sempre estará associado às aves noturnas.

A guerra mudou definitivamente a indústria da moda. O racionamento do material, a falta de mão-de-obra especializada e as limitações no processos de fabricação condicionaram o estilo adotado. Confirmando o quanto a moda reflete a atmosfera do momento, predominaram as formas retas, os ombros quadrados, a moda feminina incorporou a sobriedade dos trajes

masculinos, em franca alusão aos cortes das fardas. As saias tornaram-se mais curtas, apresentando pregas finas, para facilitar os movimentos (embora não fossem rodadas, por motivos econômicos). Mas foram as calças compridas, “roubadas” do guarda-roupa dos homens que conquistaram as mulheres de vez, pelo conforto e praticidade que proporcionavam.

Em 1947, numa reação a esse estilo tão severo, Christian Dior lança o *New Look*, com saias fartas em tecidos finos, cinturas bem marcadas, em alguns casos, propondo enchimento nos quadris e no busto para acentuar as curvas. Voltaram os grandes chapéus e sapatos altos substituíram os “pesadões” da época da guerra.

Desabaram críticas e desaprovações, principalmente por parte do governo e dos engajados; afinal, muitos dos gêneros de primeira necessidade estavam racionados, não era o momento para gastar com frivolidades. Entretanto, o desejo de esquecer tão triste período falou mais alto.

O *glamour* estava de volta e as romântica irmãs **Julieta e Eva Jones** de Stan Drake, vestiram a moda nas tiras, em *The Heart of Juliet Jones*. o legítimo folhetim dos quadrinhos norte-americanos.

Nos anos dourados, proliferaram as revistas dirigidas ao público feminino: as heroínas dos quadrinhos desfilavam a moda dos grandes costureiros ou criações das próprias leitoras, que colaboravam ativamente, enviando opiniões a respeito da vida amorosa e profissional das personagens. A mais popular era **Lili, A Garota Atômica** de Stan Lee.

Algumas revistas traziam encartes com roupas para serem recortadas e coloridas, brincadeira de vestir as “bonecas de papel”, atividade típica das meninas da época para os dias de chuva ou de resguardo na cama.

As **Garotas do Alceu**, publicadas na revista **O Cruzeiro**, nos anos 50 e 60, também serviam de modelos: suas roupas eram referências precisas para as leitoras, uma vez que estavam sempre vestidas com as novidades ditadas pelo mundo da moda. Embora não fosse uma página de quadrinhos, muitas vezes as ilustrações que acompanhavam o texto eram apresentadas em pequenos fragmentos, como os quadrinhos que enfatizam detalhes dentro de um quadro maior.

Os loucos anos 60 trouxeram muitas mudanças: os jovens e os movimentos organizados romperam com as tradições em diferentes setores, e a moda assimilou estas influências. A dupla *jeans* e camiseta tornou-se universal, o estilo unissex, a roupa futurista, os novos tecidos sintéticos contribuíram para a renovação. Nos quadrinhos, as roupas eram desenhadas segundo a moda das ruas: *jeans* justos com cintura baixa e boca de sino, minissaia e botas de cano alto viraram uniformes; a moda de Courrèges, Paco Rabanne e Pierre Cardin influenciaram os figurinos das musas intergaláticas. Ou foi o contrário? Eles, os *designers* é que foram pesquisar nos quadrinhos. Não se pode esquecer que **Dale Arden**, a namorada do **Flash Gordon**, já usava minissaia, nos anos 30, muito antes de Mary Quant propor a barra das saias acima dos joelhos.

Os tubinhos dos anos 60 e a simplicidade do vestir, contrastando com o estilo elaborado dos anos anteriores, vestiram sedutoras, namoradas, heroínas, profissionais liberais e até famosas meninas de vestidinhos vermelhos.

Definitivamente, a juventude estava na moda é evidente que seus gostos, hábitos e aparência foram copiados. O *sportwear* se firmou por evidenciar esta constituição, mas vários expedientes

foram adotados visando a este ideal; dietas rigorosas perseguiram o corpo esguio, os cabelos longos e soltos expressavam a liberdade de idéias e ações, os vestidos *baby doll* chegaram à altura das coxas, mudando até as roupas de baixo; as calcinhas ficaram menores e mais baixas, para serem usadas com calças, shorts e saias *saint-tropez*. Embora o grito de guerra apelasse para a queima de sutiãs, as mulheres não abriram mão desta peça e a preferência recaiu sobre os modelos mais leves, em *lycra*.

O corpo inteiro entrou em destaque, o foco não estava mais dirigido para esta ou aquela parte, as roupas eram eróticas na medida em que desnudavam.

As cores e estampas contribuíram para o que foi chamado “revolução do pavão”. Os tons fortes vestiram homens, mulheres e crianças; proliferaram as estampas multicoloridas, de Emilio Pucci, com destaque para as flores imensas, estrelas e espirais. Já as estampas geométricas em p&b, com influência da *Op-Art*, foram utilizadas no estilo espacial. Colaboraram para a expansão neste sentido a variedade de tecidos e novos materiais resultantes da “corrida à Lua”.

Nos anos 70, predominaram dois estilos antagônicos: o naturalista e o extravagante. O primeiro trouxe a moda artesanal, com influência indiana, dos povos nativos de culturas distantes; o segundo misturava de tudo um pouco, sapatos com plataformas, cores em profusão, minis e maxissaias, calças pata de elefante e o brilho dos metálicos.

O formato do corpo continuava revelado, mas diferente da farta exposição da década anterior. Agora eram os tecidos aderentes e os cortes ajustados que realçavam as formas esguias. As saias desceram em direção aos tornozelos e as pernas eram cobertas com botas ou meias coloridas; as nádegas passaram a ser destacadas à medida que os *jeans* e as calças ficavam mais apertados. Foram principalmente as musas e algumas irreverentes surgidas neste período que usaram e abusaram deste guarda-roupa.

Os *punks* dos anos 80, com seus cabelos espetados e coloridos, vestidos de couro preto com enfeites em metal, inclusive no próprio corpo; *percings* e brincos masculinos se impuseram. É claro que os quadrinhos não poderiam deixar de fora personagens tão intrigantes e irreverentes. A filosofia *punk* explodiu nas HQs de todo o mundo. A *destroyer Tank Girl* da dupla inglesa Alan Martin e Hewlett e a **Tyli-Tyli** de Flávio Calazans refletem todo o anarquismo desta corrente.

Todos estes estilos estão estampados nas páginas dos quadrinhos contemporâneos.

O *look sexy*, esportivo, *college*, sado-maso, o exotismo oriental, enfim, todas as possibilidades da moda atual estão presentes, vestindo musas, heroínas, irreverentes, garotas, vilãs e demais Deusas de Papel.

Considerações

No início do século havia dois universos distintos e bem delimitados para cada um dos sexos: o do homem era público e o da mulher privado, confinado ao estreito círculo familiar. Entretanto, o desenrolar dos fatos políticos, econômicos e sociais trataram de mudar esta configuração.

A participação das mulheres nas duas Grandes Guerras, sua entrada no mercado de trabalho, o movimento feminista e a revolução sexual – liderada por elas – contribuíram para a derrubada

destes limites e propuseram um novo espaço para ambos os sexos, um lugar onde a igualdade de direitos e de oportunidades preserve a diferença de identidades. O projeto deslanchou a partir dos anos 60, quando emergiu a contracultura, e a moda refletiu e continua refletindo toda essa diversidade, seja na ruas, passarelas ou nas tiras e páginas quadrinizadas.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Referência

HISTÓRIA DAS MULHERES E HISTÓRIA DO SÉC. XX

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961

DUBY, Georges e PERROT, Michelle Org. **História das Mulheres**, Vol.1, 2, 3, 4, 5.
Porto, Afrontamento, 1990.

EISLER Riane. **El caliz y la espada, nuestra historia, nuestro futuro**
Santiago de Chile, Cuatro Vientos Editorial, 1990.

_____. **O Prazer Sagrado**. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo,
Cia.dasLetras, 1995.

LAVER, James. **A roupa e a moda**. São Paulo. Cia das Letras. 1996.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

CAVALCANTI, Ionaldo. **O mundo dos quadrinhos**, São Paulo, Símbolo, 1977.

CALAZANS, Flávio, Org. **As Histórias em Quadrinhos no Brasil**, São Paulo, UNESP,
1997.

CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis, Vozes, 1974.

_____. **História e Crítica dos Quadrinhos Brasileiros**. Rio de Janeiro, Ed.
Funarte, 1990.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**, São Paulo, Perspectiva, 1993, 5º ed.

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Seqüencial**, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

GOIDA. **Enciclopédia dos Quadrinhos**, Porto Alegre, L&PM, 1990.

História em Quadrinhos e Comunicação de Massa. São Paulo, Delta, MASP, 1970.

LUCHETTI, Marco Aurélio. **A ficção científica no quadrinhos**, SP, GRD, 1991.

MARNY, Jacques. **Sociologia das Histórias aos Quadrinhos**, Porto, Civilização, 1970

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo, Cultrix, 1979.

MOLITERNI, Claude, MELLOTT,Philippe e DENNI, Michel. **Les aventures de la BD**, Gallimard, 1996.

MOYA, Alvaro de, **Shazam!** São Paulo, Perspectiva, 1977.

_____. **História da História em Quadrinhos**, S. Paulo, Brasiliense,1993, 2º ed.